Correspondência de Benito Mussolini

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Correspondência de Benito Mussolini

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

Cartas.....4
Carta a Alfredo Rocco, 31 de agosto de 1925.....5
Carta a Alfredo Rocco, 4 de maio de 1926.....6
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 30 de maio de 1939.....8
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 25 de agosto de 1939.....11
A carta acima foi escrita em resposta à seguinte carta de Adolf Hitler:.....12
Primeira carta ao chanceler Adolf Hitler, 26 de agosto de 1939.....15
Segunda carta ao chanceler Adolf Hitler, 26 de agosto de 1939.....17
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 3 de janeiro de 1940.....18
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 11 de abril de 1940.....22
Carta ao primeiro-ministro Paul Reynaud, 26 de abril de 1940.....24
Carta a Sua Santidade Pio XII, 28 de abril de 1940.....25
Carta ao Presidente Franklin Delano Roosevelt, 18 de maio de 1940.....26
Carta ao primeiro-ministro Winston Churchill, 18 de maio de 1940.....27
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 30 de maio de 1940.....28
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 2 de junho de 1940.....29
Carta a Sua Alteza Real Imperial Umberto de Savoia, 2 de julho de 1940.....30
Carta ao Chefe do Estado espanhol Francisco Franco, 25 de agosto de 1940.....32
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 27 de agosto de 1940.....33
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 19 de outubro de 1940.....35
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 22 de novembro de 1940.....38
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 8 de março de 1943.....40
Carta a Dom Luigi Maria Dies, 5 de agosto de 1943.....46
Carta ao marechal Rodolfo Graziani, 2 de outubro de 1943.....47
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 4 de outubro de 1943.....48
Nota militar.....50
Carta ao chanceler Adolf Hitler, 1º de novembro de 1943.....52
Carta ao marechal Rodolfo Graziani, 27 de junho de 1944.....54
Carta a Rachele Mussolini, 26 de abril de 1945.....55
Telegramas.....56
Telegrama ao ministro plenipotenciário Giulio Cesare Montagna, 29 de agosto de 1923 Ultimato à Grécia.....57
Telegrama ao prefeito Cesare Mori, 7 de janeiro de 1926.....59
Telegrama ao vice-chanceler austríaco, 25 de julho de 1934.....60
Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 21 de julho de 1940.....61
Hitler responde com o seguinte:.....61
Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 28 de outubro de 1943.....62
Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 12 de dezembro de 1943.....63
Telegrama ao imperador do Japão Hiro Hito, 12 de dezembro de 1943.....64
Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 1 de janeiro de 1944.....65
Telegrama ao ministro Joachim von Ribbentrop, 1 de janeiro de 1944.....66
Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 24 de abril de 1944.....67
Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 23 de maio de 1944.....68
Telegrama ao ministro Joachim von Ribbentrop, 23 de maio de 1944.....69
Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 22 de julho de 1944.....70
Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 26 de setembro de 1944.....71
Telegrama ao imperador do Japão Hirohito, 26 de setembro de 1944.....72
Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 28 de outubro de 1944.....73
Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 11 de dezembro de 1944.....74
Telegrama ao imperador do Japão Hirohito, 11 de dezembro de 1944.....75

Cartas

Carta a Alfredo Rocco, 31 de agosto de 1925

O chefe do governo, Benito Mussolini, ao ministro da Justiça e dos Assuntos de Culto, Alfredo Rocco

31 de agosto de 1925

Caro Rocco,

li há pouco o teu magnífico discurso de Perugia e apresso-me em enviar-te a minha palavra de aplauso. O teu é um discurso fundamental. A doutrina fascista pois o Fascismo tem uma doutrina própria, tem, isto é, um ponto de vista particular sobre todas as questões que afligem o espírito contemporâneo foi por ti apresentada de maneira soberba. É preciso que todos os fascistas da Itália leiam o teu discurso, para encontrar nele claramente reafirmados os pilares programáticos do nosso partido e as razões pelas quais o Fascismo deve combater todos os outros partidos seguindo o método da mais decidida, racional e sistemática intransigência. Somente assim o verbo se faz carne e a ideia, fato.

Cordiais saudações.

MUSSOLINI

Carta a Alfredo Rocco, 4 de maio de 1926

O chefe do governo e ministro das Relações Exteriores, Mussolini, ao ministro da Justiça e dos Assuntos de Culto, Rocco

Roma, 4 de maio de 1926-IV

Caro Rocco,

chamo a tua atenção para a carta que o Santo Padre dirigiu a Sua Eminência o Cardeal Gasparri, a respeito das relações entre o Estado e a Igreja, por ocasião da projetada reforma da legislação eclesiástica.

A carta, não apenas pela altíssima autoridade de quem a escreveu, mas pelas coisas que contém, é de capital importância, e nos obriga a meditar bastante sobre aquele programa de política eclesiástica que o Governo Fascista se propôs desde os primeiros dias de sua ascensão ao poder.

O documento de hoje foi precedido por outras manifestações da Santa Sé, que tornam suficientemente claro o seu significado. A Santa Sé, embora apreciando a profunda mudança de orientação que o triunfo do Fascismo marcou na política religiosa do Estado italiano, considera que uma organização satisfatória das relações entre a Igreja Católica e o Estado na Itália não pode ser alcançada senão por meio de um acordo bilateral, e que um acordo dessa natureza pressupõe resolvido, de comum acordo entre as duas Potestades, o problema da organização jurídica da Santa Sé, como órgão central e, portanto, por sua natureza supranacional, da Igreja, a qual, por decreto da Providência Divina, tem sede na Itália.

O regime fascista, superando nisso, como em todos os outros campos, as pré-condições do liberalismo, repudiou assim tanto o princípio do agnosticismo religioso do Estado quanto o de uma separação entre Igreja e Estado, tão absurda quanto a separação entre espírito e matéria. Com profunda fé na missão religiosa e católica do povo italiano, o Governo Fascista procedeu metodicamente, com uma série de atos administrativos e de medidas legislativas, a restituir ao Estado e à Nação italiana aquele caráter de Estado católico e de Nação católica que a política liberal se havia esforçado, durante longos anos, por apagar. E isso o regime fascista fez com plena espontaneidade e com absoluto desinteresse, sem hesitações nem desvios, mesmo quando seus esforços eram desconhecidos ou pouco reconhecidos, apenas como

cumprimento de um alto dever, não como instrumento ou, pior ainda, como expediente político.

É lógico, portanto, que o Governo Fascista julgue com plena serenidade as atuais manifestações da Santa Sé, e as considere dignas da mais atenta consideração.

Não se pode certamente negar a priori a possibilidade de um melhor ordenamento jurídico das relações entre a Santa Sé, considerada como órgão central e supranacional da Igreja Católica, e o Estado italiano, com o objetivo de melhor garantir-lhe a liberdade e a independência, também por meio de acordos bilaterais, e mesmo que de tais acordos devesse resultar uma revisão da lei das garantias. Essa organização não poderia ter, em via prejudicial, outros limites senão os da exclusão de toda ingerência estrangeira nas relações entre a Santa Sé e a Itália, e o respeito da unidade nacional e da integridade do Estado. Chegadas as coisas ao ponto a que tanto o tempo quanto o curso da história, e a evolução espiritual e política do povo italiano as conduziram, considero não inútil que tu, com os meios de informação de que dispões, tomes reservadamente conhecimento do ponto de vista atual da Santa Sé, acerca das formas que poderia assumir uma satisfatória organização jurídica de suas relações com o Estado italiano.

Sempre considerei o dissídio entre a Igreja e o Estado funesto para ambos, e historicamente fatal, em um tempo mais ou menos distante, o seu ajustamento. Se as notícias que estás prestes a receber o anunciarem próximo, terei profunda alegria. Se fosse de outra maneira, continuaremos, à espera de tempos melhores, *a cumprir, como antes, com firme consciência, o nosso dever de italianos e de católicos*.

MUSSOLINI

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 30 de maio de 1939

Notas de Benito Mussolini a Hitler sobre a aplicação da aliança (Memoriale Cavallero)

30 de maio de 1939

Agora que a aliança entre a Itália e a Alemanha está fixada e encontrará, em todo momento, segundo a letra e o espírito do Tratado, a sua plena aplicação, considero oportuno expor o que penso sobre a situação atual e sobre os seus prováveis desenvolvimentos futuros.

I. A guerra entre as nações plutocráticas e, portanto, egoisticamente conservadoras, e as nações populosas e pobres é inevitável. Dada essa premissa, é preciso preparar-se.

II. Com as posições estratégicas conquistadas na Boêmia e na Albânia, as potências do Eixo têm nas mãos um elemento fundamental de sucesso.

III. Expliquei em uma Memória a von Ribbentrop, à época do encontro de Milão, os motivos pelos quais a Itália necessita de um período de preparação que pode ir até todo o ano de 1942. Eles são:

As duas potências europeias do Eixo precisam de um período de paz de duração não inferior a três anos. É somente a partir de 1943 que um esforço bélico pode ter as maiores perspectivas de vitória. Um período de paz é necessário à Itália pelas seguintes razões:

a) para organizar militarmente a Líbia, a Albânia e pacificar a Etiópia, da qual deve sair um exército de meio milhão de homens;

b) para concluir a construção e a reforma dos seis navios de linha atualmente em andamento;

c) para a renovação de toda a nossa artilharia de médio e grande calibre;

d) para impulsionar a realização dos planos autárquicos que devem tornar vão qualquer tentativa de bloqueio por parte das democracias possidentes;

e) para realizar a Exposição de 1942, a qual, além de documentar o primeiro vintênio do regime, pode fornecer-nos reservas de divisas;

f) para efetuar o repatriamento dos italianos da França, problema de natureza militar e moral muito sério;

g) para concluir o já iniciado deslocamento de muitas indústrias de guerra do vale do Pó para a Itália meridional;

h) para aprofundar cada vez mais as relações, não apenas entre os governos do Eixo, mas entre os povos, ao que certamente contribuiria uma distensão das relações entre a Igreja e o Nazismo, distensão que também é muito desejada pelo Vaticano.

Por todas essas razões a Itália fascista não deseja antecipar uma guerra de caráter europeu, ainda que convencida de que ela seja inevitável. Pode-se também pensar que dentro de três anos o Japão tenha levado a termo a sua guerra na China.

É previsível que o Triângulo Londres-Paris-Moscou tentará em tempo de paz prejudicar de todos os modos as potências do Eixo, sobretudo do ponto de vista econômico e moral. No terreno econômico responder-se-á desenvolvendo até o extremo os planos autárquicos e no terreno moral contra-atacando em todos os campos.

IV. Além da ação de sabotagem material propriamente dita atentados, etc. todo esforço deverá ser empreendido para minar a unidade interna dos inimigos, favorecendo os movimentos antissemitas, ajudando os movimentos pacifistas (caso Paul Faure na França), patrocinando as autonomias regionais (Alsácia, Bretanha, Córsega, Irlanda), acelerando a decomposição dos costumes, incitando à revolta as populações coloniais.

A entrada da Rússia bolchevique no Ocidente conduzida pela mão de Londres é um elemento indubitavelmente favorável ao desenvolvimento desses planos.

V. Do ponto de vista estratégico, as nações do Ocidente podem considerar-se muradas, isto é, praticamente inatacáveis por força terrestre. Pode-se, portanto, prever uma defensiva recíproca no Reno e nos Alpes e na Líbia. Ao contrário, as forças metropolitanas e coloniais na Etiópia podem iniciar operações ofensivas contra as colônias francesas e britânicas confinantes.

No Ocidente a guerra assumiria um caráter predominantemente aéreo-marítimo. Com a conquista da Albânia, o problema naval italiano é notavelmente aliviado. O Adriático é um mar interno que pode ser hermeticamente fechado.

VI. Somente em direção ao Oriente e ao sudeste a guerra pode assumir um caráter dinâmico. A Polônia e outros Estados garantidos deverão contar consigo mesmos e poderão ser paralisados antes que chegue um auxílio concreto, mesmo da Rússia confinante.

VII. A guerra que as grandes Democracias preparam é uma guerra de desgaste. É preciso, portanto, partir da hipótese mais dura, que é a possível a cem por cento. O Eixo não receberá mais nada do resto do mundo. Essa hipótese seria grave, mas as posições estratégicas conquistadas pelo Eixo reduzem muito a gravidade e o perigo de uma guerra de desgaste. Para tal fim, desde as primeiras horas da guerra, é preciso apoderar-se de toda a bacia danubiana e balcânica. Não se contentar com declarações de neutralidade, mas ocupar os territórios e explorá-los para fins de abastecimento bélico alimentar e industrial. Com essa operação, que deveria ser fulminante e conduzida com extrema decisão, não apenas se colocariam fora de combate os garantes, isto é, Grécia, Romênia e Turquia, mas ter-se-iam as costas seguras. Nesse jogo podemos contar com duas peças favoráveis: a Hungria e a Bulgária.

VIII. A Itália pode mobilizar proporcionalmente um número maior de homens que a Alemanha. A uma abundância de homens corresponde uma modéstia de meios. A Itália no plano bélico dará, portanto, mais homens que meios: a Alemanha, mais meios que homens.

Desejo saber se as considerações acima expostas encontram a aprovação do Führer. Nesse caso, é preciso que, sobre tais diretrizes, se preparem os planos dos Estados-Maiores.

MUSSOLINI

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 25 de agosto de 1939

25 de agosto de 1939

Führer,

Respondo à Vossa carta que me foi entregue neste momento pelo Embaixador Mackensen.

I) No que diz respeito ao acordo com a Rússia, eu o aprovo completamente.

S. E. Göring vos dirá que, nas conversas tidas com ele no mês de abril passado, eu afirmei que para evitar o cerco por parte das democracias era necessário um reaproximação entre a Alemanha e a Rússia.

II) Considero útil procurar evitar uma ruptura ou um esfriamento com o Japão e, portanto, um seu reaproximação ao grupo dos Estados democráticos. Nesse sentido, eu telegrafei a Tóquio e parece que superada a surpresa haja naquela opinião pública uma melhor disposição de ânimo.

III) O Pacto de Moscou bloqueia a Romênia e pode mudar a posição da Turquia, a qual aceitou os empréstimos ingleses, mas ainda não assinou a aliança. Uma nova atitude da Turquia deslocaria todo o dispositivo estratégico dos franco-ingleses no Mediterrâneo oriental.

IV) No que concerne à Polônia, eu tenho perfeita compreensão da posição germânica e do fato de que uma situação tão tensa não pode durar indefinidamente.

V) No que diz respeito à atitude prática da Itália, no caso de uma ação militar, o meu ponto de vista é o seguinte:

- Se a Alemanha atacar a Polônia e o conflito permanecer localizado, a Itália dará à Alemanha toda forma de ajuda política e econômica que lhe for solicitada.

- Se a Alemanha atacar a Polônia e os Aliados desta contra-atacarem a Alemanha, apresento-vos a oportunidade de que eu não assuma a iniciativa de operações bélicas, dadas as atuais condições da preparação militar italiana, repetidamente e tempestivamente assinaladas a Vós, Führer, e a von Ribbentrop.

A nossa intervenção pode, contudo, ser imediata se a Alemanha nos fornecer de pronto os meios bélicos e as matérias-primas para sustentar o choque que os franco-ingleses dirigirão predominantemente contra nós.

Nos nossos encontros, a guerra estava prevista para depois de 1942, e naquela época eu estaria pronto por terra, por mar e por ar, segundo os planos acordados.

Considero, ademais, que as simples medidas militares italianas já tomadas e outras a serem tomadas em seguida imobilizarão, na Europa e na África, consideráveis forças franco-britânicas.

Considero meu estrito dever de amigo leal dizer-vos toda a verdade e expor-vos a realidade: não fazê-lo poderia ter consequências desagradáveis para todos nós.

Este é o meu ponto de vista e, visto que dentro em pouco deverei reunir os máximos órgãos do Regime, peço-vos que me façais conhecer o Vosso.

MUSSOLINI

A carta acima foi escrita em resposta à seguinte carta de Adolf Hitler:

25 de agosto de 1939

Duce,

Há muito tempo a Alemanha e a Rússia meditavam sobre a possibilidade de colocar sobre uma nova base as suas relações políticas recíprocas. A necessidade de chegar a resultados concretos nesse sentido foi reforçada:

1. pelas condições da situação política mundial em geral, no que diz respeito à parte que é decisiva para ambas as Potências do Eixo;

2. pelo contínuo adiamento de uma clara tomada de posição por parte do Gabinete japonês. O Japão estava de fato disposto a uma aliança contra a Rússia, pela qual a Alemanha assim como, a meu ver, a Itália podem estar, nas circunstâncias atuais, interessadas apenas de modo secundário. Mas não estava disposto a assumir compromissos igualmente claros em relação à Inglaterra, o que teria sido decisivo não apenas do ponto de vista da Alemanha, mas também do da Itália. A afirmação dos militares de que poderiam decidir em pouco tempo o Governo japonês a tomar claramente posição também em relação à Inglaterra foi apresentada por meses, mas na prática não se realizou;

3. as relações da Alemanha com a Polônia têm sido insatisfatórias desde a primavera e, nas últimas semanas, tornaram-se simplesmente intoleráveis, não por culpa do Reich, mas principalmente em razão da ação da Inglaterra. As notícias sobre a perseguição dos alemães naquela região não são notícias de imprensa inventadas, mas apenas uma parte de uma verdade capaz de causar arrepios. O estrangulamento de Danzig praticado pela Polônia com a sua política aduaneira, que já há semanas conduz à completa paralisação de todo o comércio, aniquilaria a cidade mesmo que durasse ainda por um período muito limitado.

Essas razões me levaram a apressar a conclusão das conversações russo-alemãs. Ainda não vos informei, Duce, em detalhe sobre esse assunto, porque me faltava não apenas a visão da amplitude que essas conversações poderiam alcançar, mas sobretudo a certeza da possibilidade de êxito.

Agora, nas últimas semanas, a boa disposição do Kremlin para chegar a uma mudança nas relações com a Alemanha disposição surgida a partir do afastamento de Litvinov apareceu cada vez mais forte e já me tornou possível, após ocorrida uma clarificação preliminar, enviar o meu Ministro dos Negócios Estrangeiros a Moscou para estipular um tratado, que é sobretudo o mais amplo pacto de não agressão hoje existente e cujo texto está destinado a ser tornado público. O Pacto é incondicionado e estabelece ainda a obrigação de consulta sobre todas as questões que interessem à Alemanha e à Rússia. Além disso, posso comunicar-vos, Duce, que, mediante as disposições nele contidas, fica assegurada, no caso de qualquer conflito, a atitude benevolente da Rússia e que, antes de tudo, não existe mais a possibilidade de qualquer ataque por parte da Romênia em um tal conflito.

Também a Turquia, nessas condições, só pode proceder a uma revisão da atitude mantida até agora. Mas repito mais uma vez que a Romênia já não está em condição de tomar parte em qualquer conflito contra o Eixo! Creio, Duce, poder dizer-vos que, por meio das negociações com a Rússia soviética, criou-se uma situação política mundial completamente nova, que deve ser considerada como um fortíssimo ganho para o Eixo.

Quanto à situação na fronteira polaco-alemã, posso apenas comunicar a V. E. que estamos há semanas em estado de alerta, que naturalmente as medidas alemãs se desenvolveram paralelamente à mobilização polonesa e que, caso se verifiquem procedimentos insuportáveis, agirei fulminantemente. A afirmação do Governo polonês de

não ser responsável pelos procedimentos desumanos, pelos numerosos incidentes de fronteira (somente esta noite verificaram-se 21 incursões polonesas), pelos tiros de que foram alvo aeronaves civis alemãs (as quais, para evitar a possibilidade de choques, já têm ordem de manter-se sobre o mar em seus voos para a Prússia Oriental), essa afirmação prova apenas que aquele Governo já não tem mais sob controle a sua soldadesca em tumulto. Desde ontem Danzig está cercada por tropas polonesas, o que constitui uma situação insuportável. Em tais condições, ninguém pode prever o que se verificará no futuro imediato. Posso, porém, apenas assegurar-vos que existe, de algum modo, uma fronteira da qual não posso recuar sob nenhuma hipótese.

Além disso, posso finalmente assegurar-vos ainda, Duce, que, em situação análoga, eu levarei à Itália uma plena compreensão e que podeis, desde já, estar seguro da minha atitude em qualquer caso desse gênero.

ADOLF HITLER

Primeira carta ao chanceler Adolf Hitler, 26 de agosto de 1939

26 de agosto de 1939

Führer,

reuni nesta manhã os chefes dos Estados-Maiores do Exército, da Marinha e da Aviação, estando presentes o ministro Ciano e o das Comunicações, e eis o mínimo de que necessitam as Forças Armadas italianas para sustentar uma guerra de doze meses, além daquilo que já possuímos:

Carvão para o gás e a siderurgia toneladas seis milhões

Aço . . . . . » dois milhões
Óleos minerais . . . . . » sete milhões
Madeira . . . . . » um milhão
Cobre . . . . . » cento e cinquenta mil
Nitrato de sódio . . . . . » duzentos e vinte mil
Sais potássicos . . . . . » setenta mil
Colofônia . . . . . » vinte e cinco mil
Borracha . . . . . » vinte e dois mil
Toluol . . . . . » dezoito mil
Essência de terebintina . . . . . » seis mil
Chumbo . . . . . » dez mil
Estanho . . . . . » sete mil
Níquel . . . . . » cinco mil
Molibdênio . . . . . » seiscentos
Tungstênio . . . . . » seiscentos
Zircônio . . . . . » vinte
Titânio . . . . . » quatrocentos

A necessidade alimentar e têxtil será assegurada recorrendo ao racionamento.

Além das matérias-primas acima indicadas, vós sabeis que toda a nossa indústria de guerra se encontra no quadrilátero Turim-Gênova-Milão-Savona e ao longo do litoral tirreno, isto é, a meia hora de voo da Córsega. Para proteger essas instalações industriais, cuja destruição poderia paralisar literalmente o nosso esforço bélico, é necessário o envio

imediato de cento e cinquenta baterias de noventa e do respectivo municiamento.

O general Keitel está de posse da lista dos maquinários que são indispensáveis para acelerar a nossa produção bélica.

Führer, eu não vos teria enviado esta lista, ou ela teria contido um número menor de itens e cifras muito mais reduzidas, se tivesse tido o tempo de acordo previsto para acumular reservas e acelerar o ritmo da autarquia.

Sem a certeza desses fornecimentos, tenho o dever de dizer-vos que os sacrifícios aos quais eu chamaria o povo italiano, certo de ser obedecido, poderiam ser vãos e comprometer, juntamente com a minha, também a vossa causa. Se acreditais que ainda exista qualquer possibilidade de solução no terreno político, estou pronto a dar-vos, como outras vezes, a minha plena solidariedade e a tomar as iniciativas que poderíeis considerar úteis para esse fim.

MUSSOLINI

Segunda carta ao chanceler Adolf Hitler, 26 de agosto de 1939

26 de agosto de 1939

Führer,

creio que o equívoco em que caiu, involuntariamente, Attolico tenha sido imediatamente esclarecido, segundo as minhas ordens. Aquilo que vos pedi, exceto as baterias antiaéreas, deveria ser entregue ao longo de doze meses. Mas, mesmo esclarecido o equívoco, resulta que vos encontrais na impossibilidade material de ajudar-me a preencher os grandes vazios que as guerras da Etiópia e da Espanha produziram nos armamentos italianos.

Adotarei, portanto, a atitude que vós me aconselhais, ao menos na primeira fase do conflito, a fim de imobilizar o máximo das forças franco-britânicas, como já ocorre, enquanto apressarei até o limite do possível a preparação militar.

Deixo a vós compreender o meu estado de espírito, ao ver-me obrigado, por forças superiores à minha vontade, a não vos dar a minha solidariedade positiva no momento da ação.

E é também por isso que me permito novamente insistir, e nunca com base em considerações de caráter pacifista, estranhas ao meu espírito, mas com base nos interesses dos nossos dois povos e dos nossos dois reinos, sobre a oportunidade de uma solução pacífica, que considero ainda possível e capaz de dar plena satisfação moral e material à Alemanha.

MUSSOLINI

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 3 de janeiro de 1940

3 de janeiro de 1940

Führer,

após a troca de cartas que teve lugar entre nós no início de setembro, passaram-se quatro meses, durante os quais a ação vos absorvia completamente e eu considerava intempestivo perturbar-vos. Mas hoje, enquanto se delineia um período de espera, considero necessário fazer-vos, do meu ponto de vista, um exame da situação e falar-vos dos problemas do momento, com aquela absoluta sinceridade e lealdade que foram e são as próprias condições das nossas relações pessoais e políticas.

Discurso sobre Ciano - Começo por este discurso, que foi a única manifestação política do Governo fascista desde setembro em diante. Consta-me que, em certos meios alemães, esse discurso não agradou. É inútil que eu vos diga que ele representa o meu pensamento da primeira à última palavra e considero que era absolutamente indispensável explicar ao povo italiano a gênese dos acontecimentos e as razões da nossa atitude atual. O fato de ter revelado algum detalhe da verdade não prejudicou a causa germânica, assim como não a prejudicou tornar conhecido que ambos desejávamos um período de paz bastante longo. Vós sabeis que o conde Ciano foi e continua sendo um dos mais convictos defensores da amizade ítalo-germânica e, precisamente por isso, tinha o dever de esclarecer italianos e estrangeiros. Que tenham havido, a propósito do discurso de Ciano, especulações mais ou menos ridículas, não tem importância. Qualquer que fosse a coisa que ele tivesse dito, teria acontecido a mesma coisa.

Panorama geral - Desejo agora expor-vos as relações da Itália com os outros Estados europeus. Começo por aquele que está contido na cidade de Roma. Posso dizer-vos que as recentes trocas de visitas entre o rei e o Papa tiveram um significado de caráter predominantemente interno, e não internacional. As conversas foram breves e genéricas, sem nada de definido ou projetado, nem poderia ser de outra forma.

Não vos surpreendereis se vos disser que o entendimento germano-russo teve repercussões penosas na Espanha. A guerra civil é demasiado recente. A terra que cobre os mortos os vossos, os nossos e os espanhóis ainda está fresca. O bolchevismo é uma lembrança obsessiva para a Espanha, e os espanhóis, com a sua lógica apaixonada e fanática, não compreendem as necessidades táticas da política. É claro que aquilo que a

Alemanha e a Itália perderam nesses últimos meses na Espanha foi ganho por franceses e ingleses.

As relações da Itália com franceses e ingleses são corretas, porém frias. Fornecemos a uns e a outros materiais de vários tipos, alguns dos quais podem servir indiretamente à guerra, mas toda e qualquer remessa tipicamente bélica foi proibida. Esses intercâmbios nos permitem adquirir aquelas matérias-primas sem as quais não podemos completar a nossa preparação militar. Os rumores de conversações de caráter político são falsos. Houve entre nós e os ingleses um período de forte tensão a propósito do bloqueio e, embora os procedimentos ingleses tenham sido aprimorados, as coisas estão longe da normalidade e daquela plena liberdade de navegação que pretendemos assegurar. Tanto em Paris quanto em Londres, ninguém alimenta a ilusão de ver, em 1940 ou 1941, repetir-se o fenômeno de 1914-1915. A Stimmung (estado de ânimo) italiana continua fortemente antibritânica, apesar da propaganda, à qual voltarei.

Bálcãs - Nunca pensamos, nem pensamos hoje, na constituição daquele bloco que se tornou suspeito para nós a partir do momento em que passou a ser patrocinado pelas grandes democracias. Considero que a tranquilidade da bacia danubiana é um interesse fundamental para a Alemanha.

Rússia - Embora o discurso do conde Ciano não tenha mencionado a Finlândia, o embaixador russo em Roma não apresentou suas credenciais e foi embora. Nós chamamos de volta o nosso embaixador de Moscou. As relações entre Roma e Moscou são ruins. Não faremos nada para agravá-las, mas a atitude russa nos deixa indiferentes.

Finlândia - A Itália fascista é favorável a essa pequena e valorosa nação, apesar das sanções votadas pelo governo em Genebra e não aceitas pela melhor parte do povo finlandês. Falou-se de grandes ajudas dadas pela Itália à Finlândia. Trata-se de quarenta aviões encomendados antes da guerra e nada mais. Milhares de voluntários apresentaram-se individualmente à legação finlandesa em Roma ou aos consulados, mas as ofertas foram, até o momento, recusadas pelos finlandeses.

Motivos da propaganda franco-inglesa - Por meio dos canais católicos e dos remanescentes dos antigos partidos, por meio das transmissões de rádio que não conseguimos interferir de maneira eficaz e que são livremente ouvidas, e por meio das relações pessoais, os ingleses, mais do que os franceses, realizam uma propaganda intensa. No que diz respeito à responsabilidade pela guerra, nenhum italiano acredita na inocência da Grã-Bretanha. Quanto aos objetivos da guerra das grandes

democracias, nenhum italiano leva a sério as palavras liberdade, justiça, direito, moral etc., pronunciadas pelos dirigentes dessas democracias.

Sou profundamente convencido de que a Grã-Bretanha e a França jamais conseguirão fazer capitular a vossa Alemanha com a ajuda da Itália, mas não é certo que se consiga pôr de joelhos os aliados franco-ingleses sem sacrifícios desproporcionais aos objetivos. Os Estados Unidos não permitiriam uma derrota total das democracias. Os impérios desmoronam por falta de estabilidade interna, e os choques vindos de fora podem consolidá-los. É previsível um desfecho da guerra que, como vós dissestes, não verá senão dois ou mais vencidos. Vale a pena, agora que realizastes a segurança de vossas fronteiras orientais e criastes o grande Reich de noventa milhões de habitantes, arriscar tudo, inclusive o regime, e sacrificar o melhor das gerações alemãs para antecipar a queda de um fruto que fatalmente cairá e deverá ser colhido por nós, que representamos as forças novas da Europa? As grandes democracias trazem em si mesmas as razões de sua fatal decadência.

Acordos com a Rússia - Ninguém mais do que eu, que já tenho quarenta anos de experiência política, sabe que a política tem as suas exigências táticas. Mesmo uma política revolucionária. Eu reconheci os soviéticos em 1924; em 1934 firmei com eles um tratado de comércio e de amizade. Assim, compreendo que, não se tendo realizado as previsões de von Ribbentrop quanto à não intervenção franco-inglesa, vós tenhais evitado a abertura de uma segunda frente. A Rússia foi, na Polônia e no Báltico, sem disparar um tiro, a grande beneficiária da guerra.

Mas eu, que nasci revolucionário e não modifiquei a minha mentalidade de revolucionário, digo-vos que não podeis sacrificar permanentemente os princípios da vossa revolução às exigências táticas de um determinado momento político. Sinto que não podeis abandonar a bandeira antissemita e antibolchevique que fizestes tremular durante vinte anos e pela qual tantos dos vossos camaradas morreram; não podeis renegar o vosso evangelho no qual o povo alemão acreditou cegamente.

Tenho o preciso dever de acrescentar que um novo passo nos vossos relacionamentos com Moscou teria repercussões catastróficas na Itália, onde a unanimidade antibolchevique é absoluta, granítica, indissolúvel. Permiti-me acreditar que isso não acontecerá.

A solução do vosso Lebensraum está na Rússia, e não em outro lugar. A Rússia possui a imensa superfície de vinte e um milhões de quilômetros quadrados e apenas nove habitantes por quilômetro quadrado. Ela é estranha tanto à Europa quanto à Ásia. Essa não é apenas a tese de

Spengler. Até quatro meses atrás, a Rússia era o inimigo mundial número um: não pode ter se tornado, nem é, o amigo número um.

Isso perturbou profundamente os fascistas na Itália e talvez também muitos nacional-socialistas na Alemanha. No dia em que tivermos demolido o bolchevismo, teremos sido fiéis às nossas duas revoluções. Então chegará a vez das grandes democracias, que não poderão sobreviver ao câncer que as corrói e que se manifesta nos planos demográfico, político e moral.

Situação da Itália - Estou acelerando o ritmo da preparação militar. A Itália não pode e não quer envolver-se numa guerra longa; a sua intervenção deve ocorrer no momento mais vantajoso e decisivo.

Na África Oriental, a Itália mantém empenhadas forças francesas consideráveis em Djibuti e nas colônias inglesas limítrofes. As quinze Divisões da África Setentrional (oito do Exército regular, quatro de Camisas Negras, três líbias) mantêm ocupados oitenta mil anglo-egípcios-indianos e duzentos e cinquenta mil franceses.

Nos Alpes, o nosso dispositivo foi recuado em razão das neves, mas não reduzido, e tem diante de si de dez a quinze Divisões francesas.

A Itália fascista, neste período, pretende ser a vossa reserva: do ponto de vista político-diplomático, caso desejeis chegar a uma solução político-diplomática; do ponto de vista econômico, fornecendo-vos tudo aquilo que, em víveres e matérias-primas, possa sustentar a vossa resistência ao bloqueio; do ponto de vista militar, quando a ajuda não vos seja um peso, mas um alívio.

E este problema deverá ser examinado pelos militares. Creio que o não-intervenção da Itália foi muito mais útil à Alemanha do que uma intervenção que, na guerra contra a Polônia, era perfeitamente supérflua.

Desejo que o povo alemão esteja convencidode que a atitude da Itália se insere dentro do quadro, e não fora dele, da aliança.

Tería ainda outras coisas a dizer, mas esta carta, contrariamente aos meus hábitos, já está deploravelmente longa. Peço-vos que a leiais pensando que ela substitui uma conversa entre nós, que me teria sido muito grata. Recebei os meus cumprimentos sempre amistosos e os meus votos pelo futuro da Alemanha e pelo vosso.

MUSSOLINI

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 11 de abril de 1940

11 de abril de 1940

Führer,

Sou-lhe muito grato por ter-me enviado a mensagem que anunciava a vossa ação no norte e a segunda que descrevia as suas fases individuais.

É supérfluo dizer-vos que eu aprovo completamente a vossa ação, que evitou um desembarque franco-inglês na Noruega, desembarque que, como justamente dizeis, teria criado uma situação difícil para a Alemanha.

O povo italiano, de forma unânime, admirou a rapidez verdadeiramente fulminante da vossa ação e compreendeu a sua inevitabilidade.

As crescentes vexações do bloqueio contra o tráfego italiano causaram no povo italiano uma fortíssima *Stimmung* antialiada, e quantos de Paris e de Londres afirmam o contrário confundem, mais uma vez, a realidade com os seus desejos.

Considero que a contra-ação franco-inglesa nas costas da Noruega será impotente para revogar o vosso fato consumado, cujas consequências de enorme alcance já podemos entrever.

Aproveito a ocasião para chamar a vossa atenção para a situação balcânica e para a atitude ambígua da Romênia, a qual aceitou a habitual garantia franco-inglesa. Basta considerar que as autoridades romenas decidiram deter a flotilha do Intelligence Service quando ela já havia percorrido duzentas milhas de rio.

Todavia, creio que é de nosso interesse comum que aquela parte da Europa não seja envolvida na guerra, mas também aqui é preciso estar pronto para prevenir as manobras dos franco-ingleses.

Confirmo-vos que, a partir de amanhã, dia 12, a frota italiana estará completa em pé de guerra, enquanto estou acelerando os prazos para as demais Forças Armadas. Não sei se os franceses alguma vez tiveram realmente ilusões sobre qual seria a atitude da Itália, mas, se as tiveram, agora as perderam indubitavelmente.

Quanto ao povo italiano, embora deseje adiar para se preparar melhor, já tem a consciência de que não poderá evitar entrar em campo.

Serei-vos muito grato, Führer, se quiserdes manter-me informado sobre os eventuais desenvolvimentos futuros da ação e peço-vos que aceiteis os meus cordiais e camaradescos cumprimentos.

MUSSOLINI

Carta ao primeiro-ministro Paul Reynaud, 26 de abril de 1940

26 de abril de 1940

Respondo sem demora à vossa carta de 22 de abril, entregue a mim no dia 24 por intermédio do vosso embaixador em Roma.

Permiti-me, antes de tudo, considerar injustificado o pretexto que deu origem à vossa carta, ou seja, o telegrama pelo qual eu desejo a vitória das armas alemãs. Esse fato não deve surpreender-vos e não deve levar-vos a esquecer que a Itália é e pretende permanecer aliada política e militarmente da Alemanha, segundo o tratado de maio de 1939, tratado que a Itália, como todas as nações que prezam a sua honra, pretende respeitar.

As vossas considerações sobre as relações entre democracia e fascismo e sobre a necessidade de um equilíbrio europeu exigiriam um longo discurso que não é o caso de fazer.

Em certo ponto da vossa carta parece-me entrever a possibilidade de um nosso encontro. Lamento ter de declinar tal proposta e não vos será difícil, senhor Presidente, compreender as razões disso. Recebei, Excelência, a expressão da minha consideração.

MUSSOLINI

Carta a Sua Santidade Pio XII, 28 de abril de 1940

28 de abril de 1940-XVIll

Beatíssimo Padre, queirais, antes de tudo, aceitar o meu profundo agradecimento pela carta que Vos dignastes dirigir-me e pelas expressões a meu respeito nela contidas.

O vosso reconhecimento, Beatíssimo Padre, do fato de que eu tentei todas as vias para evitar uma conflagração europeia é para mim motivo de legítima satisfação. É minha convicção que, sem a absurda pretensão franco-inglesa de exigir a retirada, aos pontos de partida, dos exércitos germânicos já em marcha, a conferência por mim proposta poderia ter sido convocada para enfrentar e resolver não apenas o problema polonês, mas também os outros que aguardam solução.

Compreendo, Beatíssimo Padre, o vosso desejo de que seja dado à Itália evitar a guerra. Isso ocorreu até hoje, mas não poderia de modo algum garantir que possa durar até o fim. É preciso levar em conta também a vontade e os intentos de terceiros. A história da Igreja, e vós mo ensinastes, Beatíssimo Padre, jamais aceitou a fórmula da paz pela paz, da paz a qualquer custo, da paz sem justiça, de uma paz, isto é, que em determinadas circunstâncias poderia comprometer irreparavelmente, para o presente e para o futuro, os destinos do povo italiano.

Desejo acrescentar que é no âmbito da vigente aliança ítalo-germânica que foi possível para a Itália adotar a atitude de não beligerância.

De uma coisa apenas desejo assegurar-vos, ó Beatíssimo Padre, e isto é, que se amanhã a Itália tiver de entrar em campo, isso significará, de maneira solarmente evidente para todos, que a honra, os interesses e o futuro imporão de forma absoluta que assim seja.

É-me consolador pensar que Deus quererá proteger, numa e noutra eventualidade, os esforços de um povo crente como o italiano. Queirais, Beatíssimo Padre, aceitar a expressão do meu devoto obséquio.

MUSSOLINI

Carta ao Presidente Franklin Delano Roosevelt, 18 de maio de 1940

18 de maio de 1940

Respondo à mensagem que me enviastes à meia-noite do dia 14 corrente. Compreendo perfeitamente os motivos que a inspiram e considero-os muito respeitáveis e dignos da maior consideração, mas ao vosso espírito de político realista não podem escapar dois motivos fundamentais da atual situação italiana, a saber, que a Itália é e pretende ser aliada da Alemanha e que a Itália não pode permanecer ausente num momento em que está em jogo o futuro da Europa.

Não posso, portanto, senão reconfirmar-vos a substância da minha primeira mensagem.

MUSSOLINI

Carta ao primeiro-ministro Winston Churchill, 18 de maio de 1940

18 de maio de 1940

Respondo à mensagem que me enviastes, para dizer-vos que vos são certamente conhecidos os graves motivos de caráter histórico e contingente que colocaram os nossos dois países em campos opostos. Sem recuar muito no tempo, recordo-vos a iniciativa tomada em 1935 pelo vosso Governo para organizar em Genebra as sanções contra a Itália, empenhada em obter um pouco de espaço ao sol africano sem causar o mínimo dano aos vossos interesses e territórios ou aos de terceiros. Recordo-vos também o estado de verdadeira escravidão em que a Itália se encontra no seu próprio mar.

Se foi para honrar a vossa assinatura que o vosso Governo declarou guerra à Alemanha, compreendereis que o mesmo senso de honra e de respeito aos compromissos assumidos com o tratado ítalo-germânico guie hoje e amanhã a política italiana diante de qualquer acontecimento.

MUSSOLINI

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 30 de maio de 1940

Roma, 30 de maio de 1940

Führer,

mais uma vez vos agradeço pela mensagem que me enviastes e na qual encontrei muito interessantes as notícias referentes ao valor dos soldados dos diversos exércitos.

Entretanto chegou-me a notícia da capitulação da Bélgica e envio-vos as minhas felicitações.

Demorei alguns dias a responder-vos porque queria dar-vos o anúncio da minha decisão de entrar em guerra a partir do próximo 5 de junho. Se considerardes que, para uma melhor sincronia com os vossos planos, eu deva adiar ainda alguns dias, o direis; mas já o povo italiano está impaciente por se colocar ao lado do povo alemão na luta contra os inimigos comuns.

Durante estes nove meses, o esforço realizado na preparação militar foi considerável. Hoje encontram-se em estado de boa eficiência cerca de setenta divisões, das quais doze estacionadas além-mar (Líbia, duzentos e vinte mil homens; Albânia, cem mil). A África Oriental Italiana dispõe de trezentos e cinquenta mil homens entre italianos e indígenas, que não entram nesta contagem.

Como já vos disse, a Marinha e a Aviação já se encontram em pé de guerra. O comando de todas as forças armadas será assumido por mim. Tendo os meios, poderia formar outras setenta divisões, pois não são os homens que faltam.

Do ponto de vista político, considero necessário não estender o conflito à bacia danubiano-balcanica, da qual também a Itália deve obter aqueles abastecimentos que não mais lhe virão da Inglaterra.

Considero que uma declaração nesse sentido, que farei no momento oportuno, teria um efeito calmante junto àqueles povos e os tornaria completamente refratários a eventuais tentativas dos Aliados.

Estabelecido isso, os nossos Estados-Maiores tomarão as medidas no que diz respeito ao desenvolvimento das operações.

Na expectativa de uma vossa resposta, recebei, Führer, as expressões da minha amizade camaradesca.

MUSSOLINI

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 2 de junho de 1940

Roma, 2 de junho de 1940

Führer,

agradeço-vos cordialmente a mensagem que me enviastes em resposta àquela que vos foi entregue por intermédio do embaixador Alfieri.

A conclusão vitoriosa da gigantesca batalha das Flandres elevou, juntamente com o meu, o entusiasmo de todo o povo italiano.

Quanto à data da intervenção da Itália, dou-me perfeitamente conta da oportunidade de adiá-la, a fim de permitir à vossa Aviação destruir as forças aéreas francesas. Esse breve atraso permite também a mim aperfeiçoar a minha preparação em todos os setores metropolitanos e ultramarinos.

O meu programa é o seguinte: segunda-feira, 10 de junho, digo 10 de junho, declaração de guerra; e a partir da manhã do dia 11, início das hostilidades.

Quanto ao nosso encontro, agradeço-vos por tê-lo planejado, mas considero mais oportuno que ele ocorra após a entrada da Itália na guerra.

No discurso que pronunciarei poucas horas depois da declaração de guerra, direi que a Itália, em conformidade com a sua política, não pretende ampliar a área da guerra e citarei os países danubianos e balcânicos, incluídas a Grécia e a Turquia.

Agora exprimo-vos o meu desejo de ver ao menos uma representação do Exército italiano combater juntamente com os vossos soldados, para selar no campo a fraternidade de armas e o camaradismo das nossas revoluções. Se aceitardes esta minha oferta, enviar-vos-ei alguns regimentos de bersaglieri, que são soldados valorosos e resistentes.

Envio-vos o meu mais cordial cumprimento, juntamente com o augúrio mais fervoroso pelos futuros sucessos das nossas Forças Armadas.

MUSSOLINI

Carta a Sua Alteza Real Imperial Umberto de Savoia, 2 de julho de 1940

Roma, 2 de julho de 1940-XVIII

Alteza,

tendo regressado a Roma, desejo renovar-vos a expressão do meu profundo apreço pela disciplina, pelo comportamento e pelo moral das tropas que comandais.

As Divisões e os destacamentos que tive a fortuna de passar em revista apresentaram-se de tal maneira que, sem sombra de exagero retórico, pode-se definir como soberba.

Os italianos e os estrangeiros devem saber que nos dias 21, 22, 23 e 24 combateu-se aquela que será chamada a Batalha da frente Alpina ocidental, travada numa extensão de 200 quilômetros, a altitudes entre 2.000 e 3.000 metros, em meio a incessantes tempestades de neve.

Os italianos e os estrangeiros devem saber que do Pequeno São Bernardo ao rio Roia o primeiro sistema da Maginot ruiu sob o assalto das infantarias italianas que o romperam por uma profundidade entre 8 e 32 quilômetros.

Os italianos e os estrangeiros devem saber que os franceses entrincheirados nas cavernas, munidos de canhões de toda espécie, resistiram tenazmente até o fim, isto é, até o armistício e ainda por algumas horas depois, pois, entre outras coisas, haviam sido mantidos literalmente às escuras quanto ao que ocorrera no resto da França.

Os italianos e os estrangeiros devem saber que os próprios franceses ficaram atônitos diante da tenacidade, do ímpeto e do desprezo verdadeiramente soberano pelo perigo, demonstrado pelas infantarias italianas, de todos os corpos, e pelas artilharias. Os batalhões do genio foram eficazes colaboradores do assalto.

Os italianos e os estrangeiros devem saber que a batalha foi dura e sangrenta. Milhares de homens fora de combate o testemunham. Como é regra do Regime, serão publicados os elencos dos Caídos. Quanto aos feridos, que visitei nos hospitais, digo que é difícil encontrar no mundo outra raça que, diante das mais cruéis lacerações da carne, demonstre como a italiana tanta calma e tanto estoicismo.

Alteza, escrevendo-vos após a conclusão da visita, julguei que não se devesse tardar ainda mais em precisar estes dados de fato que já pertencem à história e aumentam o patrimônio de glória do Exército italiano.

A Pátria pode orgulhar-se destes seus filhos em armas, temperados no coração e nos músculos por vinte anos de Fascismo.

MUSSOLINI

Carta ao Chefe do Estado espanhol Francisco Franco, 25 de agosto de 1940

Roma, 25 de agosto de 1940-XVIII

Caro Franco, agradeço-vos pela carta que me enviastes e na qual me apresentais a situação da Espanha na fase atual da guerra.

Agradou-me declarar-vos desde logo que a vossa carta não me surpreendeu.

Sempre pensei, desde o início da guerra, que a vossa Espanha, isto é, a Espanha da Revolução falangista, não poderia permanecer neutra até o fim, e que da neutralidade passaria, no momento oportuno, à não beligerância e, finalmente, à intervenção.

Se isso não acontecesse, a Espanha se afastaria da história europeia, sobretudo da história de amanhã, que será determinada pelas duas Potências vitoriosas do Eixo. Além disso, não teria títulos morais para resolver os seus problemas africanos e, permiti-me dizê-lo, uma Revolução triunfante deve colocar para si objetivos externos, de caráter internacional, isto é, aqueles objetivos que, em determinado momento, concentram a atenção total e o esforço completo de um povo.

Dou-me conta de que, após três anos de guerra civil, a Espanha teria necessidade de um longo período de calma; mas os acontecimentos não o permitem e a vossa situação econômica interna não piorará se passardes da não beligerância à intervenção.

Desejo dizer-vos, caro Franco, que com estas minhas considerações objetivas não pretendo minimamente instar-vos a tomar as vossas decisões. Estou bem certo de que as vossas decisões serão, como sempre, inspiradas pela defesa dos interesses fundamentais do vosso povo, e estou igualmente certo de que não deixareis passar esta ocasião para dar à Espanha o seu espaço vital africano.

Não há dúvida de que depois da França será derrotada a Grã-Bretanha. O regime inglês vive agora de um único elemento: a mentira.

Não tenho necessidade de dizer-vos que, no que diz respeito às vossas aspirações, podeis contar com a plena solidariedade da Itália fascista.

Peço-vos, caro Franco, que aceiteis os meus mais cordiais e camaradescos cumprimentos.

MUSSOLINI

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 27 de agosto de 1940

Roma, 27 de agosto de 1940

Führer,

Após o nosso colóquio de 18 de junho, não tivemos mais ocasião de proceder a uma troca de ideias. Considero oportuno dizer-vos aquilo que penso da situação neste momento.

No que diz respeito à bacia danubiano-balcânica, nada mudou na política acordada, isto é, aquela que visa manter essa zona fora do conflito. As medidas militares na fronteira jugoslava e grega têm um caráter simplesmente precaucional, tratando-se de dois Estados claramente hostis ao Eixo e prontos a desferir-nos um golpe pelas costas assim que se apresente a ocasião. Perto de Trieste, a Polícia descobriu nada menos que cinco depósitos de armas preparados pelos comitês sérvios.

Não vos é desconhecido, ademais, que tanto a Grécia quanto a Iugoslávia mobilizaram quase completamente as suas forças armadas, e não pode existir dúvida alguma quanto à efetiva, contínua e comprovada cumplicidade da Grécia com a Grã-Bretanha. Todos os portos gregos são bases contra nós.

Posto isso, não é naquela região que, salvo o imprevisível, pretendo dirigir o esforço militar, mas sim do lado do Egito. Os preparativos estão concluídos e Graziani recebeu a ordem de atacar no mesmo dia em que os alemães atacarem a Grã-Bretanha. Apesar das dificuldades do clima e do terreno, espera-se poder derrotar os ingleses e os egípcios que provavelmente estarão com eles. Passemos agora a um giro de horizonte.

França - Por um extraordinário fenômeno psicológico (explicável pelo incrível orgulho francês), a França não se considera vencida. Ela conta com a resistência inglesa e com o apoio americano. O que acontece no Norte da África indica as intenções francesas. É preciso vigiá-la e impor condições de paz que a tornem inofensiva.

Estados Unidos - A menos que ocorra uma reviravolta repentina, sempre possível num país de autênticos histéricos como são os politiqueiros americanos, a possibilidade da intervenção americana deve ser calculada como uma realidade de amanhã, especialmente se, como parece provável, Roosevelt for reeleito. Roosevelt não chegará a fornecer uma contribuição de homens, mas dará uma ajuda mais ampla em meios, sobretudo aéreos. Isso já acontece hoje, razão pela qual também essa possibilidade não pode impedir a derrota da Grã-Bretanha.

Japão - Ainda não vi os resultados do novo curso da política japonesa. Os japoneses são lentíssimos e misteriosos nos métodos, embora claríssimos nos fins. Penso que a política do Eixo em Tóquio deva consistir em distender as relações russo-japonesas e em tensionar ao máximo aquelas entre os Estados Unidos e o Japão.

Voltando às questões militares, é supérfluo que eu Vos diga com quanta alegria marinheiros e aviadores italianos se preparam para agir diretamente contra a Grã-Bretanha juntamente com os camaradas alemães. Recebei, Führer, o meu cumprimento camaradesco.

MUSSOLINI

P. S. A colheita de trigo é sete milhões de quintais inferior à do ano passado, mas como as colheitas de outros produtos são ótimas, não há preocupações excessivas quanto à alimentação.

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 19 de outubro de 1940

Rocca delle Caminate, 19 de outubro de 1940

Führer,

após o nosso encontro de 4 de outubro no Brennero, refleti longamente sobre alguns dos problemas que foram objeto do nosso exame, e cheguei às conclusões que considero meu dever comunicar-vos. Começo pela França.

Os nossos informadores e, com maior razão penso eu os Vossos, são unânimes em afirmar que os franceses odeiam o Eixo mais do que antes, que Vichy e De Gaulle dividiram entre si os papéis e que os franceses não se consideram derrotados porque dizem eles não quiseram combater. Vichy está em contato com Londres via Lisboa. Eles, em sua imensa maioria, esperam nos Estados Unidos, que assegurarão a vitória da Grã-Bretanha. Com essa *Stimmung* não se pode pensar numa colaboração deles. Nem é preciso procurá-la. Se isso ocorresse os franceses, depois de terem negado a própria derrota, acreditariam e fariam acreditar que a vitória sobre a Grã-Bretanha seria devida a eles, e somente a eles, e seriam capazes de nos apresentar a conta. Descartada, portanto, a ideia de uma adesão francesa a um bloco continental anti-inglês, creio, todavia, chegado o momento de estabelecer a fisionomia metropolitana e colonial da França de amanhã, reduzida, como Vós justamente quereis, a proporções que a impeçam de voltar a sonhar com expansões e hegemonias.

Comecemos pela população. O censo de 1936 indicava presentes na França 41.950.000 habitantes, dos quais 2.700.000 estrangeiros e 2.300.000 naturalizados em data recente ou remota. São cinco milhões de não franceses. Dos 850.000 italianos que constituíam o contingente mais numeroso entre os estrangeiros, faço repatriar 500 por dia e espero chegar a um total de pelo menos 500.000 num ano. Calculo que as vossas e as minhas aquisições territoriais retirarão da França outros 4 milhões de habitantes. O tratado de paz deverá, portanto, reduzir e reduzirá a França a uma população de 3435 milhões de habitantes, com tendência a diminuir ainda mais, pois considero bastante improvável uma retomada demográfica do povo francês. Quanto às aquisições de caráter metropolitano e colonial reivindicadas pela Itália, elas são, como já vos disse, bastante modestas: limitam-se ao Nizard, à Córsega e à Tunísia. Não conto a Somália porque é um deserto clássico. São, isto é, as reivindicações que teriam podido ser discutidas mesmo antes da guerra, se

a inconsciência de Daladier não tivesse respondido com os seus jamais, e que me foram apresentadas como base de discussão para a manutenção da não beligerância por parte da Itália. Liquidada, além disso, a questão de caráter financeiro-econômico em decorrência da guerra, a Itália não apresenta e não apresentará novas reivindicações em relação à França.

Trata-se agora de ver se se pode considerar maduro o tempo para essa clarificação das relações Eixo-França. E sobre este ponto essencial ficarei muito satisfeito em conhecer a Vossa opinião. Posições inglesas no Continente.

Creio que, na hipótese de um prolongamento da guerra, estais de acordo comigo em considerar indispensável desarticular as posições inglesas remanescentes no Continente europeu. Essa desarticulação é outra condição da vitória. Elas são as seguintes: Portugal, Iugoslávia, Grécia, Turquia, Egito, Suíça. Quanto a Portugal, a sua atitude é neutralizada pela Espanha. Não devemos alimentar nenhuma ilusão no que diz respeito à verdadeira Stimmung iugoslava em relação ao Eixo. Ela é irredutivelmente hostil. Anexo-vos um relatório da minha Polícia que demonstra a neutralidade e a atividade criminosa iugoslava em relação à Itália. É um mau vizinho e tem má consciência. A Iugoslávia não pode viver como está. Sérvios e croatas estão hoje mais distantes do que nunca. A experiência Macek fracassou completamente. Por ora, não pretendo modificar a atitude da Itália em relação à Iugoslávia, atitude de atenta vigilância.

Para a Grécia, estou decidido a acabar com as hesitações, e muito em breve. A Grécia é um dos pilares da estratégia marítima inglesa no Mediterrâneo. Rei inglês, classe política inglesa, povo imaturo, mas educado no ódio contra a Itália. A Grécia procedeu à mobilização de suas forças e, desde maio, colocou à disposição da Grã-Bretanha bases aéreas e navais, como resulta dos documentos que von Ribbentrop teve a cortesia de me enviar após a descoberta de Vitry la Charité; nestes últimos dias, oficiais ingleses praticamente tomaram posse de todos os campos da Grécia. Em suma, a Grécia é, no Mediterrâneo, aquilo que a Noruega foi no Mar do Norte e não deve escapar a um destino idêntico. Creio que a Turquia, outra peça do jogo inglês, não se moverá, especialmente se aumentardes — como certamente fareis — vossas tropas de ocupação na Romênia. Quanto ao Egito, a retomada das operações está subordinada a um árduo trabalho de preparação logística, semelhante ao que vocês tiveram que realizar em vista do desembarque na Grã-Bretanha. De todo modo, espero poder conduzir a ação simultaneamente tanto no front grego quanto no egípcio. Concluída esta segunda fase ofensiva, que deve

conquistar o ponto fortificado de Marsa Matruh (230 km de Alexandria), restará enfrentar a batalha decisiva do Delta. É para essa fase que deve ser examinado o emprego dos seus meios blindados. O gen. Toma, que foi para a Cirenaica, lhes informará.

Estou certo de que vocês não se surpreenderão ao ver também a Suíça incluída entre as restantes posições continentais da Grã-Bretanha. Com sua incompreensível atitude hostil, a Suíça coloca por si mesma o problema de sua existência.

Desejo dizer agora uma palavra no que diz respeito à Espanha. A assunção da direção dos Negócios Estrangeiros por Suñer nos dá a garantia de que as correntes hostis ao Eixo foram eliminadas ou pelo menos contidas. Não considero, porém, melhorada a situação econômica interna. Expresso ainda a convicção de que é mais conveniente para nós a não beligerância espanhola do que a intervenção. Devemos manter a intervenção como uma reserva; é uma carta que devemos jogar no momento mais oportuno, segundo determinadas circunstâncias, como a de um prolongamento da guerra por todo o ano de 1941 ou de uma intervenção aberta dos Estados Unidos. Enquanto isso, a Espanha terá o tempo necessário para se preparar.

Contrariamente aos meus hábitos, escrevi-lhes uma longa carta, mas não podia deixar de lhes expor meu pensamento sobre as muitas questões que foram objeto do nosso encontro no Brennero.

Peço-lhe, Führer, que acredite nos sentimentos da minha amizade camaradesca, que as provas comuns e os acontecimentos tornam cada vez mais profunda, e aceite meus mais cordiais cumprimentos.

MUSSOLINI

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 22 de novembro de 1940

22 de novembro de 1940

Führer,

lamento que minha carta de 19 de outubro não tenha podido chegar a tempo de lhes dar a oportunidade de expressar seu parecer sobre a ação planejada na Grécia, parecer que, como em outras ocasiões, eu teria seguido atentamente.

A marcha das forças italianas na Grécia, depois de um início promissor e rápido, se deteve, permitindo às forças gregas, por sua vez, tomar a iniciativa. Isso se deve em particular a três causas:

A) *Ao mau tempo, que, ao se desencadear com chuvas violentas, interrompeu a marcha das forças mecanizadas*. Uma divisão blindada, por exemplo, ficou literalmente atolada na lama.

B) *À deserção quase total das forças albanesas, que se voltaram contra as nossas unidades*. Uma única divisão nossa, por exemplo, teve de desarmar e enviar para a retaguarda seis mil albaneses.

C) *À atitude da Bulgária*, que permitiu aos gregos retirar oito divisões que tinham na Trácia, e que vieram reforçar aquelas que já se encontravam em oposição a nós.

Tudo isso pertence ao passado e não se deve deixar impressionar, embora eu me dê conta de que tais acontecimentos puderam provocar repercussões desfavoráveis. *Agora a Itália está preparando trinta divisões, com as quais poderá aniquilar a Grécia*. Não há motivo de preocupação com os bombardeios das cidades meridionais, que causam poucos danos.

Desejo chamar a sua atenção para dois fatos:

Espanha. — A carta espanhola pode ser jogada. Estou disposto a encontrar-me com Franco para exercer sobre ele as pressões necessárias para que entre em ação.

Iugoslávia. — Esta carta pode hoje ser ainda mais importante.

Estou pronto a garantir as fronteiras atuais e a reconhecer Salônica à Iugoslávia nas seguintes condições: a) que a Iugoslávia adira ao Pacto Tripartite; b) que desmilitarize o Adriático; c) que a intervenção se concretize de modo que as forças iugoslavas entrem em cena apenas depois que a Grécia tenha recebido, por obra italiana, o primeiro golpe.

Adiro desde já, sobre essas bases, ao que quiserem fazer para alcançar tal objetivo.

Considero indispensável, nas atuais condições, intensificar a colaboração entre nossas forças aéreas.

Também tive minha semana negra, mas agora o pior já passou.

As condições internas da Inglaterra, segundo as informações que nos chegaram, parecem efetivamente graves, e não se pode excluir a possibilidade de um colapso.

Aceite, Führer, meus cumprimentos camaradescos.

MUSSOLINI

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 8 de março de 1943

8 de março de 1943

Führer,

desejo, antes de tudo, agradecer-lhes muito cordialmente pela carta que me enviaram por meio do Ministro Ribbentrop, com o qual, nos últimos encontros em Roma, discuti alguns pontos importantes da própria carta. Não obstante, considero útil registrar, nas páginas que seguem, as considerações e conclusões que me surgem a partir de um exame da situação geral. Permitam que eu siga, na ordem dos assuntos, a da sua carta.

1°) Tunísia. Fico satisfeito em constatar que também vocês, Führer, consideram a Tunísia como um fator essencial do conjunto estratégico.

O imperativo que daí decorre é claro: é preciso permanecer, a qualquer custo, na Tunísia; é preciso, em todo caso, permanecer lá o máximo de tempo possível, pois isso perturbará profundamente e talvez definitivamente a execução dos planos anglo-saxões definidos em Casablanca. Para manter a Tunísia, é necessário ampliar nossa cabeça de desembarque e não restringi-la como Rommel gostaria, o que significaria ser esmagados e, em pouco tempo, empurrados para o mar, sem escapatória, dada a superioridade que o inimigo alcançaria através da junção de suas tropas e da possibilidade de utilizar todos os campos de aviação da Tunísia, que abandonaríamos. É minha convicção que é preciso resistir na linha de Mareth. Mas, para resistir e, quem sabe, contra-atacar, é necessário abastecer nossas forças: é preciso fazer chegar, sobretudo, canhões, tanques e combustível. É preciso garantir os transportes no trecho curto, mas obrigatório, do canal da Sicília. Para obter tudo isso, Führer, não me cansarei jamais de repeti-lo, é necessário que a aviação do Eixo na zona da Sardenha, Sicília e Tunísia seja, no mínimo, equivalente à aviação inimiga. Nós falhamos na conquista do Egito devido à nossa inferioridade

aérea; perderemos a Tunísia se essa exigência fundamental não for atendida.

2°) Balcãs. Quanto à ação na Croácia, no primeiro período do ciclo Weiss, também considero que os resultados, embora não tenham sido decisivos, foram, no entanto, satisfatórios. Quanto à ação do quinto Corpo de Exército italiano, ao qual, Führer, vocês fazem referência, meu Comando Supremo me faz observar que o plano elaborado pelo General Loehr previa o engajamento e a destruição das formações rebeldes por meio de um rápido avanço de colunas rápidas alemãs em Bihac-Bos, Petrovac-Kliuc. Essas localidades deveriam ser alcançadas já no primeiro dia, ou seja, em 20 de janeiro, respectivamente pela divisão S.S. Principe Eugenio (Bihac-Bos, Petrovac) e pela divisão 717ª (Kliuc).

A tarefa das tropas italianas do quinto Corpo era, ao contrário, avançar metodicamente de oeste para leste, vasculhando o terreno, com os objetivos sendo as localidades de Slunj, Bihac, Korenica e Udbina. O desenvolvimento da manobra não ocorreu como previsto. Faltou a ação rápida em profundidade dos alemães, e os objetivos que deveriam ser alcançados entre 20 e 21 de janeiro foram atingidos apenas entre 28 de janeiro e 3 de fevereiro.

As tropas do quinto Corpo, a quem foi confiada a ação metódica e de varredura, apesar das graves dificuldades do terreno montanhoso, da neve alta e da resistência acirrada dos rebeldes, alcançaram regularmente os objetivos designados: Slunj em 25 de janeiro; Korenica em 2 de fevereiro; Udbina em 4 de fevereiro.

Quanto à segunda parte das operações, conforme concertado com o General Warlimont, o Comando italiano dará todo o apoio possível para assegurar o flanco das divisões alemãs que operam em direção a Livno-Glamoc e para fechar as rotas de fuga para o sul aos guerrilheiros.

O Ministro Ribbentrop lhes terá, Führer, informado que sobre o assunto czetnícos-guerrilheiros se discutiu longamente. Concordamos plenamente em considerar que czetnícos e guerrilheiros são inimigos do Eixo e que, amanhã, sobretudo em caso de desembarque, fariam frente

comum contra nós e poderiam nos colocar em situação muito difícil. Dado que, pelas necessidades da guerrilha, à qual, como todos os balcânicos, também os czetnícos são particularmente aptos, algumas milhares de czetnícos foram localmente armadas pelos Comandos italianos e, considerando que esses czetnícos até aqui se bateram com grande energia contra os guerrilheiros, convoquei a Roma os Generais Robotti e Pirzio Biroli e dei-lhes as seguintes ordens: a) nenhuma nova entrega de armas aos czetnícos; b) seu desarmamento assim que os guerrilheiros deixarem de constituir um movimento armado perigoso (um banditismo de fundo mais ou menos político permanecerá sempre como um fenômeno crônico nessas regiões); c) o General de Exército Pirzio Biroli está encarregado de tomar contato e firmar acordos com o O.K.W. para a ulterior ação a ser empreendida em relação ao movimento do General Mihajlovich, o qual, embora seja tratado como traidor nas transmissões das rádios partidárias, é, ainda assim, um inimigo nosso, visto que é o Ministro da Guerra do governo iugoslavo sediado em Londres. Tampouco me são desconhecidos os planos de revisão territorial em prejuízo da Itália, acalentados por esse senhor. Chega-me neste momento a notícia de que as forças alemãs, que entraram em contato no alto Vale do Narenta com as formações tchetniks, teriam iniciado relações de colaboração. Os alemães teriam cedido aos tchetniks cartuchos e granadas de mão.

3º) Desembarques e segundo front. Que os aliados devam tentar a constituição de um segundo front na Europa já é, agora, um dado assente. As exigências da Rússia são imperiosas. E quando, como eu firmemente creio, a iniciativa russa tiver definitivamente se esgotado, os anglo-saxões deverão honrar seus compromissos e desembarcar em algum ponto da Europa. Creio que seja oportuno distinguir entre tentativas de desembarque, que poderão ser numerosas e com o objetivo de nos desorientar e talvez fragmentar nossas forças, e a verdadeira e própria invasão.

Prevejo, isto é, sobretudo quando a Tunísia estiver definitivamente perdida, as seguintes ações contra a Itália: a) bombardeios maciços nas regiões norte e sul da Itália; b) desembarques de comandos e de

paraquedistas na Sicília e na Sardenha, com o objetivo de melhorar a posição marítima dos aliados. Uma invasão propriamente dita da península é um empreendimento que os anglo-saxões não podem seriamente projetar.

Diante dessas eventualidades, todos os nossos preparativos de defesa das duas ilhas foram acelerados. Uma comissão de seus Oficiais, que visitou os sistemas de fortificação da Sardenha, poderá informar-vos. Na Sardenha há atualmente quatro divisões. Uma quinta será enviada dentro do mês. Foi-me comunicado que a defesa da ilha será aprimorada com a chegada de um contingente alemão, equipado com aquelas armas que nos faltam. *Pois, ó Führer, nosso drama é que somos obrigados a fazer uma guerra de "proletários", com as armas remanescentes da guerra de 1915-1918, e somente neste ano começaremos a dispor daquelas armas modernas*, sem as quais não se pode resistir ao impacto de massas modernas e abundantemente armadas como os anglo-saxões. Excluída a surpresa, creio que a tentativa de desembarque em nossas ilhas está destinada ao fracasso.

4º) Espanha. Entreguei ao vosso Ministro von Ribbentrop uma cópia da carta que Franco me enviou por meio do novo Embaixador e uma cópia da minha resposta. Creio, Führer, que foi prudente aumentar, com vossos auxílios, a eficiência das forças armadas espanholas. A Espanha ainda é uma carta do nosso jogo, apesar das oscilações da política de Franco, e creio que poderia desempenhar um papel importantíssimo no dia em que nos permitisse, através de seu território, atacar pelas costas todo o dispositivo anglo-americano no Norte da África. Consta-me que os inimigos temem uma manobra desse tipo.

5º) Frente russa. Podereis bem imaginar, Führer, com que atenção e paixão acompanhei os acontecimentos das últimas operações na frente oriental. Nunca duvidei, nem por um só momento, que as forças armadas do vosso Reich restabeleceriam a situação. O heroísmo de vossos soldados, que documentais através das perdas sofridas pelas divisões SS, foi universalmente reconhecido. O esforço que a Alemanha, após vosso apelo, se dispõe a realizar é verdadeiramente único na história dos povos. Estou, portanto, seguro de que, em determinado momento, os bolcheviques

se encontrarão diante de um muro intransponível. Mas no dia em que, ó Führer, tiverdes consolidado, com homens e obras, o fosso do leste, a Rússia, exaurida de forças, não representará mais o perigo mortal de dois anos atrás e, a menos que possuais a certeza absoluta de destruir, de uma vez por todas, suas forças, pergunto-me se não será demasiado arriscado repetir a luta contra o espaço infinito e praticamente inatingível e inescapável da Rússia, enquanto a oeste aumenta o perigo anglo-saxão. No dia em que, de uma forma ou de outra, a Rússia for eliminada ou neutralizada, a vitória estará em nossas mãos. Mas sobre este assunto pretendo falar-vos exaustivamente quando tiver a fortuna de vos encontrar novamente.

Corpo de Exército italiano. A Itália não pode permanecer ausente da frente russa e, portanto, o II Corpo de Exército permanecerá na Rússia. Deve ser reorganizado e rearmado com armas eficientes, pois, com um dispositivo tão rarefeito como era o da 8ª Armada italiana no Don, sem reservas e com armamento antiquado, os acontecimentos não poderiam ter tido um desfecho diferente daquele que tiveram, apesar da inegável e tenaz resistência de nossas unidades. Mas permiti-me manifestar-vos o desejo de que o Corpo de Exército italiano seja empregado não em serviços de retaguarda, mas em combate.

Por fim, permiti-me, ó Führer, que eu vos agradeça pelo atencioso interesse por minha saúde. Ainda não estou verdadeiramente bem, mas estou melhor e considero superado o ponto mais crítico da crise. Creio que tudo isso se deve à tensão nervosa destes últimos tempos. Não se faz política por 43 anos sem que, em alguma parte, o organismo não acabe por sentir. A coisa, no fundo, não me preocupa. O importante é combater e vencer. As pequenas enfermidades pessoais são episódios insignificantes diante das enfermidades que as demo-plutocracias e o judaísmo infligiram ao gênero humano, enfermidades que o ferro e o fogo curarão.

Remeto ao nosso encontro, que espero seja próximo, o exame de outras questões menos urgentes. Enquanto isso, desejo repetir-vos que minha decisão de marchar convosco até o fim é inabalável. E acrescentar

que o povo italiano, em seus setores responsáveis, está plenamente convencido de que é preciso marchar até o fim, aconteça o que acontecer.

Recebei, Führer, meus saudações cada vez mais camaradas e cordiais.

MUSSOLINI

Carta a Dom Luigi Maria Dies, 5 de agosto de 1943

Ponza, 5 de agosto de 1943

Muito Reverendo,

sábado, dia 7, ocorre o segundo aniversário da morte de meu filho Bruno, caído nos céus de Pisa. **Peço-vos que celebreis uma missa de sufrágio por sua alma**. Anexo mil liras, das quais disporeis da maneira que julgardes mais conveniente. Desejo oferecer-vos o livro de Giuseppe Ricciotti que terminei de ler nestes dias: Vida de Jesus Cristo. É um livro exaltante, que se lê verdadeiramente de um só fôlego, um livro em que ciência histórica, religião e poesia se fundem admiravelmente. Com a obra de Ricciotti, a Itália talvez alcance mais um primado.

Envio-vos minha cordial saudação.

MUSSOLINI

Carta ao marechal Rodolfo Graziani, 2 de outubro de 1943

(Publicado no “Corriere della Sera”, 3 de outubro de 1943)

2 de outubro de 1943

Li com emoção o relato da grandiosa reunião no Adriano e a considero, pelo número imponente de intervenções e pelo tom da manifestação, como um dos sinais decisivos da retomada.

Vosso discurso, extremamente altivo, certamente tocou profundamente o coração não apenas dos oficiais que tiveram o privilégio de vos ouvir, mas de todos os oficiais dignos de serem italianos e dignos de serem oficiais.

O Corpo de oficiais, uma vez separado definitivamente o trigo do joio, deve ser e será o porta-estandarte da retomada militar, pela honra e pelo futuro da nossa bela, querida e santa Itália.

As incisivas palavras do general Stahel são também tais que selam a fraternidade dos combatentes do Eixo. De muitos indícios, resulta que o povo italiano, golpeado e humilhado pela vergonhosa traição urdida sobretudo em seu prejuízo, está novamente de pé. Mais uma vez, a história deverá reconhecer que nosso povo possui sempre a faculdade milenar de ressurgir mesmo nas situações mais duras e mais dramáticas, assim que uma palavra de ordem e um novo espírito exaltem os corações e a vontade concorde de todos.

Hoje, esse novo espírito se resume no binômio “fascismo - república”, e é sob essa bandeira revolucionária que os soldados italianos retomarão seu lugar na batalha.

MUSSOLINI

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 4 de outubro de 1943

Rocca delle Caminate, 4 de outubro de 1943

Führer,

aproveito a visita do marechal Graziani para informar-vos brevemente, mas com exatidão, sobre a situação italiana, tal como me aparece após o meu retorno da Alemanha. Situação grave, e eu poderia dizer trágica. As razões não há necessidade de vo-las expor. Vós as imaginais facilmente. Mas ainda mais grave do que a situação material é a moral. As grandes massas da população ainda estão como atordoadas pelos acontecimentos que se desenrolaram entre 25 de julho e 8 de setembro e oscilam entre a vontade de retomada e uma espécie de fatalismo resignado.

Como tereis visto, o Governo fascista-republicano realizou sua primeira sessão e fez declarações de caráter programático que causaram boa impressão. É a figura do marechal Graziani que confere um caráter ao Governo e suscita amplas esperanças e simpatias.

Como já tive ocasião de vos dizer, Führer, nas conversas em vosso Quartel-General, quando me concedestes, após a minha libertação, uma hospitalidade tão camaradesca, as tarefas fundamentais do meu Governo eram e são:

a) reorganizar a vida civil do País de modo que a retaguarda esteja tranquila e ofereça toda a colaboração possível aos comandos alemães;

b) preparar o novo exército republicano.

Sobre este ponto, o marechal Graziani fará-vos uma exposição sintética e precisa que — estou seguro — chamará a vossa atenção.

No que se refere ao ponto a, se se quer reorganizar a vida civil do País, é necessário que o novo Governo, por mim formado, tenha a autonomia necessária para governar, ou seja, para dar ordens às autoridades civis que dele dependem. Sem essa possibilidade, o Governo não tem prestígio, é desacreditado e, portanto, destinado a terminar de

forma inglória. Isso não está no interesse comum; ao contrário, seria fonte de graves consequências e alimentaria a tendência em favor do Governo agora reconhecido do traidor Badoglio.

Tenho o dever de assinalar-vos, Führer, as causas que impedem uma pronta reorganização da vida italiana e são, Führer, as seguintes:

A) os comandos militares alemães emanam ordens de forma contínua, em matérias que interessam à vida civil. Frequentemente, essas ordens entram em conflito de uma província para outra. As autoridades civis italianas são ignoradas, e a população tem a impressão de que o Governo fascista-republicano não possui qualquer autoridade, nem mesmo em matérias absolutamente alheias à atividade militar. Frequentemente, as ordens do Comando Norte estão em contradição com as do Comando Sul. Poderia citar-vos uma ampla documentação, mas não é necessário. Em três províncias da Emília — Piacenza, Parma, Reggio — as autoridades alemãs substituíram as civis administrativas e emitiram uma ordem segundo a qual toda solicitação dos cidadãos italianos deve ser acompanhada da tradução alemã, o que, em províncias de camponeses como aquelas, é praticamente impossível. Permití-me dizer, Führer, que um Comando único eliminaria esses inconvenientes.

B) Tenho também o dever de dizer-vos que a nomeação de um comissário supremo em Innsbruck para as províncias de Bolzano, Trento e Belluno suscitou uma penosa impressão em toda a Itália. Mesmo a separação das autoridades judiciárias italianas dessas províncias da Corte de Apela de Veneza, já ordenada pelo comissário, gerou muitas especulações, que não deixarão de ser exploradas pela propaganda inimiga, particularmente ativa neste momento. E o único a lucrar com isso será o traidor Badoglio.

O Governo republicano que tenho a honra de dirigir tem um único desejo, uma única vontade: fazer com que a Itália retome seu lugar no combate o mais cedo possível; mas, para alcançar esse objetivo supremo, é necessário que as autoridades militares alemãs limitem sua atuação ao campo exclusivamente militar e, para todo o resto, deixem funcionar as autoridades civis italianas, as quais, naturalmente, prestarão sua

colaboração às autoridades alemãs sempre e onde essa colaboração for solicitada.

Se isso não se realizar, a opinião italiana e a opinião mundial julgariam o Governo como um Governo incapaz de funcionar, e o próprio governo cairia em descrédito e, pior ainda, no ridículo.

Estou seguro, Führer, de que vós vos dareis conta da importância das considerações que vos expus, da gravidade dos problemas que devo enfrentar e cuja solução representa não apenas um interesse italiano, mas também alemão.

E agora, Führer, peço-vos que ouçais o que vos exporá o marechal Graziani. Suas ideias são claras e, sobretudo, realizáveis. Também neste campo é preciso deixar ao marechal Graziani e aos seus colaboradores — o almirante Legnani e o coronel Botto, da Aviação — a faculdade de reunir e organizar as forças que desejam voltar a combater sob as bandeiras do Eixo, e é sobretudo necessário dar crédito a esses homens, que queimaram os navios atrás de si, são soldados convictos do novo Estado republicano e amigos sinceros da Alemanha nacional-socialista.

Tantas vezes vos haveis gentilmente interessado pela minha saúde. No geral, não vai mal, exceto a visão, que se vai progressivamente debilitando.

Peço-vos, Führer, que aceiteis, juntamente com meus mais cordiais cumprimentos, a expressão de minha fiel camaradagem.

MUSSOLINI

Nota militar

Não conheço os planos do Comando alemão, mas permito-me insistir, como já fiz em vosso Quartel-General, sobre a necessidade de conservar Roma.

A perda de Roma, após a de Nápoles, teria uma repercussão enorme na Itália e no mundo. Isso do ponto de vista político-militar.

Do ponto de vista militar, colocaria nas mãos do inimigo todos os aeroportos da Itália central, que são trinta, e, portanto, maiores possibilidades e facilidade para o inimigo atacar a Alemanha meridional e sudeste, bem como a bacia do Danúbio e dos Bálcãs.

Seria uma verdadeira sorte se se pudesse, ao menos durante todo o inverno, manter a linha que fixamos em vosso Quartel-General, ou seja, a linha Monte Circeo-Maiella.

Carta ao chanceler Adolf Hitler, 1º de novembro de 1943

1º de novembro de 1943-XXII

Führer,

Aproveito a ocasião da viagem do comandante Wolff a vosso Quartel-General para recordar-me de vós e para vos apresentar um relatório esquemático sobre a situação italiana no final de outubro.

A situação melhorou ligeiramente. Há sinais de retomada, mas a catástrofe foi tão súbita e total que ainda será necessário muito tempo antes que as massas retornem à linha moral e material.

Não considero grave o fenômeno dos grupos armados que se encontram aqui e ali nos montes dos Apeninos. Trata-se, em grande parte, de soldados dispersos (frequentemente originários do sul da Itália) e não representam perigo.

Pelo que já fizestes e pelo que fareis para me permitir alcançar o objetivo que considero supremo (ou seja, voltar ao combate o mais cedo possível), recebei, Führer, meus mais profundos agradecimentos.

Dentro de poucos meses, deverão apresentar-se às casernas os jovens de 1924. Se se apresentarem na totalidade, isso será o sinal decisivo de que a crise foi superada. As previsões do Estado-Maior são bastante otimistas.

Quero acrescentar, Führer, que da terrível crise de julho-agosto-setembro de 1943 surgiu uma unanimidade nacional. A monarquia está liquidada, mesmo nas regiões ocupadas pelos anglo-americanos. E ainda desejo informar-vos que as relações entre as populações e as tropas alemãs estão se tornando cada vez mais cordiais.

Os contatos de Graziani e Gambara com os vossos marechais têm um caráter verdadeiramente camaradesco.

Pretendo, Führer, escrever-vos mais longamente sobre diversos assuntos em momento próximo.

Entretanto, peço-vos que aceiteis meus mais amistosos cumprimentos e agradecimentos, juntamente com a expressão da minha imutável fé em vosso destino e no da Alemanha.

MUSSOLINI

Carta ao marechal Rodolfo Graziani, 27 de junho de 1944

(Publicado no “Corriere della Sera”, 26 de julho de 1944)

27 de junho de 1944

Caro Graziani,

A organização do movimento contra o banditismo, à qual referistes ontem à noite, deve ter um caráter que atinja a psicologia das populações e desperte o entusiasmo de nossas fileiras unificadas. Deve ser a marcha da República Social contra a Vandeia, deve irradiar-se progressivamente por todas as províncias e purificá-las radicalmente.

MUSSOLINI

Carta a Rachele Mussolini, 26 de abril de 1945

Como, 26 de abril de 1945

Cara Rachele,

Aqui chego à última fase da minha vida, à última página do meu livro. *Talvez nós dois não nos vejamos mais*; por isso te escrevo e te envio esta carta. ***Peço-te perdão por todo o mal que involuntariamente te causei***. ***Mas tu sabes que foste para mim a única mulher que realmente amei. Juro-te isso diante de Deus e do nosso Bruno neste momento supremo***.

Tu sabes que devemos ir para a Valtelina. Tu, com os meninos, procura alcançar a fronteira suíça. Lá fareis uma nova vida. Creio que não vos negarão a passagem, porque os ajudei em todas as circunstâncias e, sobretudo, porque sois alheios à política. Se assim não for, deveis apresentar-vos aos aliados, que provavelmente serão mais generosos que os italianos.

Recomendo-te Anna e Romano, especialmente Anna, que tanto precisa. ***Tu sabes quanto te amo. Bruno, do céu, nos assistirá. Beijo-te e abraço-te, juntamente com os meninos***.

Teu

BENITO

Telegramas

Telegrama ao ministro plenipotenciário Giulio Cesare Montagna, 29 de agosto de 1923
Ultimato à Grécia

Roma, 29 de agosto de 1923

Aprovo as providências que Vossa Senhoria já tomou.

Vossa Senhoria deve solicitar por escrito a este Governo as seguintes reparações, a serem consideradas o mínimo compatível com a gravíssima ofensa de que a Grécia se tornou responsável perante a Itália:

1) Desculpas na forma mais ampla e oficial, a serem apresentadas ao Governo italiano, formuladas a esta legação real por intermédio da mais alta autoridade militar grega.

2) Solene cerimônia fúnebre pelas vítimas do massacre, a ser celebrada na catedral católica de Atenas, com a participação de todos os membros do Governo.

3) Homenagens à bandeira italiana, a serem prestadas no mesmo dia da referida cerimônia, da seguinte forma: uma divisão naval italiana chegará a Falero após as oito da manhã e, assim que estiver ancorada, um número adequado de navios de guerra gregos (excluídas, portanto, as torpedeiras, que deverão permanecer ancoradas dentro da enseada de Salamina ou do porto de Pireu), previamente ancorados à vista do local onde ancorará, como dito, a divisão italiana, prestará as honras com uma salva de 21 tiros à bandeira italiana hasteada no topo do mastro dos próprios navios gregos. Durante a cerimônia fúnebre mencionada no ponto dois, tanto os navios gregos quanto os italianos manterão a bandeira a meio mastro. Na mesma noite, antes do pôr do sol, a divisão naval italiana deixará a ancoragem de Falero e, ao se colocar em mar aberto, saudarão a praça com a salva prescrita.

4) Uma investigação extremamente rigorosa será realizada pela autoridade grega no local do massacre, com a assistência do R. Adjunto militar, coronel Ferrone, cuja integridade pessoal será responsabilidade

absoluta do Governo grego. Tal investigação deverá ser concluída no prazo de cinco dias a partir da aceitação destas exigências.

5) Pena capital para todos os culpados.

6) Indenização de cinquenta milhões de liras italianas, a ser paga no prazo de cinco dias a partir da apresentação desta nota.

7) Honras militares aos corpos no momento do embarque em Prevesa, em navio italiano.

Vossa Senhoria deverá exigir a resposta grega com aceitação completa no prazo máximo de vinte e quatro horas.

MUSSOLINI

Telegrama ao prefeito Cesare Mori, 7 de janeiro de 1926

(Publicado em «Il Popolo d'Italia», 8 de janeiro de 1926)

7 de janeiro de 1926

Prefeito Mori,

Durante minha viagem à Sicília, disse em uma praça pública, diante de grande multidão aclamatória, que era necessário libertar a população siciliana da delinquência rural e da “máfia”. Vejo que, após a depuração da província de Trapani, Vossa Excelência continua magnificamente a obra nas Madonie. Expresso-lhe meu vivo e elevado apreço e exorto-vos a prosseguir até o fim, sem consideração por ninguém, seja alto ou baixo.

O fascismo, que libertou a Itália de tantas chagas, cauterizará, se necessário, com ferro e fogo, as chagas da delinquência siciliana. Cinco milhões de sicilianos laboriosos e patrióticos não devem mais ser atormentados, extorquidos, roubados ou desonrados por algumas centenas de delinquentes. Este problema também deve ser resolvido e será resolvido.

Autorizo Vossa Senhoria a tornar público este despacho nos jornais locais.

MUSSOLINI

Telegrama ao vice-chanceler austríaco, 25 de julho de 1934

(Publicado em «Il Popolo d'Italia», 27 de julho de 1934)

Riccione, 25 de julho de 1934

A trágica morte do chanceler Dollfuss entristece-me profundamente. Ligado a ele por laços de amizade pessoal e por visões políticas comuns, sempre admirei suas virtudes de estadista, sua honestidade, simplicidade e sua grande coragem.

A independência da Áustria, pela qual ele caiu, é um princípio que foi defendido e será defendido pela Itália ainda mais veementemente.

O chanceler Dollfuss, em tempos excepcionalmente difíceis, serviu o povo de que fazia parte com absoluto desinteresse e desprezo pelo perigo.

Sua memória será honrada não apenas na Áustria, mas em todo o mundo civilizado, que já puniu com sua condenação moral os responsáveis diretos e remotos.

Aceitai as expressões das minhas condolências, que representam o sentimento unânime de repúdio e de pesar do povo italiano.

MUSSOLINI

Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 21 de julho de 1940

(Publicado em «Il Popolo d'Italia», 22 de julho de 1940)

21 de julho de 1940

As palavras do vosso grande discurso no Reichstag tocaram imediatamente o coração do povo italiano. Agradeço-vos e repito que o povo italiano, aconteça o que acontecer, marchará convosco até o fim, ou seja, até a vitória.

MUSSOLINI

Hitler responde com o seguinte:

21 de julho de 1940

Agradeço-vos, Duce, pelo vosso amigável telegrama. Unidas em nossas ideologias e na força de nossas armas, a Itália e a Alemanha nacional-socialista conquistarão vitoriosamente a liberdade de nossos povos.

HITLER

Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 28 de outubro de 1943

(Publicado em «Corriere della Sera», 31 de outubro de 1943)

28 de outubro de 1943

Agradeço-vos com a mais profunda cordialidade, Führer, pelas palavras com as quais desejastes associar-vos à celebração de hoje da marcha sobre Roma. Apesar dos últimos acontecimentos, ela permanece um evento histórico na vida do povo italiano, e os adversários, em seu breve, inglório e desastroso interlúdio, não puderam apagá-la, exceto nos símbolos exteriores. O povo italiano prepara-se para retomar o seu lugar na linha de combate e alcançará aquela potência e grandeza que vós desejais. Aceitai, Führer, a expressão da minha fiel amizade e do meu inabalável camaradismo.

MUSSOLINI

Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 12 de dezembro de 1943

(Publicado em «Corriere della Sera», 12 de dezembro de 1943)

12 de dezembro de 1943

Na ocasião da assinatura da aliança que uniu indissoluvelmente em armas os povos alemão, italiano e japonês na vontade comum de levar a termo vitoriosamente a grande luta que dará ao mundo uma nova e justa ordem, quero reafirmar-vos, Führer, que a República Social Italiana se prepara para retomar o seu lugar na linha de combate. Com tal firme determinação, envio-vos, Führer, o meu fervoroso e camaradesco cumprimento.

MUSSOLINI

Telegrama ao imperador do Japão Hiro Hito, 12 de dezembro de 1943

(Publicado em «Corriere della Sera», 12 de dezembro de 1943)

12 de dezembro de 1943

No aniversário da assinatura do Pacto que uniu as vontades do Império Japonês e das potências do Eixo na luta que conduzem juntos e que juntos vencerão contra o inimigo comum por um elevado ideal de vida, rogo a Vossa Majestade que aceite os mais fervorosos votos do povo italiano e meus pelo feliz e glorioso futuro do vosso país.

MUSSOLINI

Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 1 de janeiro de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 2 de janeiro de 1944)

1 de janeiro de 1944

No início de 1944, que terá grande importância no desenvolvimento vitorioso da guerra, e na certeza de que as Forças Armadas italianas retomarão em breve o seu lugar ao lado dos vossos valorosos e inabaláveis soldados, desejo, Führer, que receba o meu mais cordial cumprimento, junto com os meus fervorosos votos para vós e para todo o vosso povo.

MUSSOLINI

Telegrama ao ministro Joachim von Ribbentrop, 1 de janeiro de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 2 de janeiro de 1944)

1 de janeiro de 1944

Recebi o vosso telegrama de felicitações pelo Ano Novo e agradeço-vos. O ano que hoje se inicia será provavelmente decisivo e verá, disso estou profundamente convencido, a derrota das potências inimigas. A Itália fascista republicana prepara-se para retomar o seu lugar ao lado dos fiéis e valorosos camaradas alemães e do Eixo. Retribuo cordialmente os votos e aceite os meus mais amistosos cumprimentos.

MUSSOLINI

Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 24 de abril de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 26 de abril de 1944)

24 de abril de 1944

No momento de deixar o território da Alemanha, desejo reafirmar-vos, Führer, a minha gratidão pela cordial e camaradesca acolhida. A minha estadia na Alemanha e a visão do vosso povo em armas e no trabalho deram-me a convicção cada vez mais firme de que os sacrifícios suportados serão compensados pela vitória. A Itália fascista e republicana marchará até o fim ao lado da grande Alemanha nacional-socialista, restabelecendo no campo de batalha aquela fraternidade de armas destinada a selar o renascimento da nação italiana e o advento de uma nova ordem na Europa.

MUSSOLINI

Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 23 de maio de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 24 de maio de 1944)

23 de maio de 1944

No aniversário da assinatura do Pacto de amizade e aliança que uniu a Alemanha nacional-socialista e a Itália fascista, ligadas pelos ideais comuns e pela vontade de percorrer até o fim o caminho do seu destino, desejo, Führer, renovar-vos, também em nome da República Social Italiana, a profunda fé na vitória das armas do Reich e de seus aliados, enquanto as novas formações da Itália republicana se preparam para dar a sua contribuição à causa comum.

MUSSOLINI

Telegrama ao ministro Joachim von Ribbentrop, 23 de maio de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 24 de maio de 1944)

23 de maio de 1944

Na ocasião da data em que foi firmado o Pacto de amizade e aliança entre os nossos dois países, desejo transmitir-vos, Excelência, a garantia de que a Itália republicana continuará com firme fé o seu caminho ao lado da amiga Alemanha até aquela vitória que coroará a tenaz e heroica vontade do Reich e de seus aliados por um mundo justo e melhor.

MUSSOLINI

Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 22 de julho de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 23 de julho de 1944)

22 de julho de 1944

Retornando à Itália na hora em que a Providência quis preservá-lo ao carinho do povo alemão para um futuro melhor da Europa, desejo, Führer, reafirmar-vos que da fé dos soldados da República Italiana que se treinam na Alemanha e do indomável valor das vossas tropas retiro o mais seguro augúrio para a Alemanha nacional-socialista e para a Itália fascista contra as forças da reação aliadas ao bolchevismo. Aceite, Führer, os meus sentimentos de imutável e camaradesca amizade.

MUSSOLINI

Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 26 de setembro de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 27 de setembro de 1944)

26 de setembro de 1944

Os povos da Itália, da Alemanha e do Japão se aliaram há quatro anos em um destino comum para libertar, com sua fé e forças conjuntas, a Europa e a Ásia da secular injustiça dos imperialismos anglo-saxões. Hoje, na fase decisiva do gigantesco conflito entre o mundo de ontem e o de amanhã, sentem-se mais unidos do que nunca no esforço supremo que deverá assegurar o triunfo de sua causa e que dará a todos a paz com justiça. Nesta histórica ocasião, expresso-vos, Führer, a profunda admiração do verdadeiro povo italiano pelo insuperável heroísmo das Forças Armadas alemãs, seus mais sinceros votos e a sua inabalável confiança na vitória final, merecido prêmio pelos imensos sacrifícios que os nossos países suportam para preparar um amanhã melhor para seus filhos e para o mundo.

MUSSOLINI

Telegrama ao imperador do Japão Hirohito, 26 de setembro de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 27 de setembro de 1944)

26 de setembro de 1944

No quarto aniversário da conclusão do Pacto Tripartite, que uniu em uma mesma vontade Itália, Alemanha e Japão para a afirmação de uma nova e justa ordem na Europa e na Ásia, rogo a Vossa Majestade que aceite os votos de felicidades da Itália fascista, assim como os meus pessoais, pela vitória comum.

MUSSOLINI

Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 28 de outubro de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 29 de outubro de 1944)

28 de outubro de 1944

Agradeço-lhe particularmente, Führer, pelas cordiais palavras que me enviou por ocasião da celebração do vigésimo segundo aniversário da marcha sobre Roma. Com você reafirmo que nossas duas revoluções, representando uma concepção do mundo superior às ideologias e aos sistemas plutocrático-judeu-comunistas, estão destinadas a superar as forças do inimigo e a compensar os duros sacrifícios aos quais nossos povos foram e são chamados. Os heroísmos de que o povo germânico dá prova diariamente, já transformado em um único exército, são, juntamente com os das Forças Armadas japonesas e com a contribuição da República Social Italiana, os fatores que garantem a vitória. Com espírito camarada, envio-lhe, Führer, os votos mais elevados para o futuro de seu povo e para o seu bem-estar pessoal.

MUSSOLINI

Telegrama ao chanceler Adolf Hitler, 11 de dezembro de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 12 de dezembro de 1944)

11 de dezembro de 1944

Neste dia em que se celebra o aniversário da assinatura do Pacto de aliança militar entre as potências do Eixo e o Império Japonês, meu pensamento se volta particularmente para você, Führer, e para a Alemanha nazista. A vitória sempre sorriu aos povos que combatem por um elevado ideal humano e por sua suprema razão de viver. Com confiança inabalável na justiça da causa pela qual lutam a Alemanha, a Itália e o Japão, envio-lhe, Führer, meus fervorosos votos e minha cordial saudação.

MUSSOLINI

Telegrama ao imperador do Japão Hirohito, 11 de dezembro de 1944

(Publicado em «Corriere della Sera», 12 de dezembro de 1944)

11 de dezembro de 1944

No aniversário da assinatura do Pacto que selava a determinação do Japão, da Itália e da Alemanha de sustentar a luta contra o inimigo comum até a vitória, reafirmo a Vossa Majestade minha admiração pelo heroísmo das Forças Armadas imperiais japonesas. Junto às gloriosas forças da Alemanha nazista, às quais se juntam as ressurgentes armas italianas, alcançarão aquela vitória que merecem e que assegurará ao mundo uma paz justa e duradoura.

MUSSOLINI

“E se tiver um amigo, marche com ele até o fim.” -Benito Mussolini